

o DRAGÃO RENASCIDO



ROBERT
JORDAN

o DRAGÃO
RENASCIDO

LIVRO 3 DE A RODA DO TEMPO

TRADUÇÃO DE
MARIANA SERPA VOLLMER



Copyright © 1991 by Robert Jordan
Publicado mediante acordo com Sobel Weber Associated Inc.
“The Wheel of Time®”, “The Dragon Reborn™” e o símbolo da
roda/cobra são marcas registradas pertencentes a Robert Jordan.
Assegurados os direitos morais do autor.

TÍTULO ORIGINAL
The Dragon Reborn

EDIÇÃO
Flora Pinheiro

PREPARAÇÃO
Rayssa Galvão

REVISÃO
Marcela de Oliveira
Suelen Lopes

REVISÃO TÉCNICA
Rafael Meyer

DIAGRAMAÇÃO
editoriarte

CAPA
Júlio Moreira

IMAGEM PÁGS. 2 E 3
Vasilyev/Shutterstock.com

MAPAS
Ellisa Mitchell

ADAPTAÇÃO DO MAPA
ô de casa

ILUSTRAÇÕES INTERNAS
Matthew C. Nielsen e Ellisa Mitchell

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO-NA-FONTE
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

J69D

Jordan, Robert, 1948-2007

O Dragão Renascido / Robert Jordan ; tradução Mariana
Vollmer. — 1. ed. - Rio de Janeiro : Intrínseca, 2014.

656 p. ; 23 cm. (A Roda do Tempo ; 3)
Tradução de: The Dragon Reborn
ISBN 978-85-8057-601-6

1. Ficção americana. I. Vollmer, Mariana. II. Título. III. Série.

14-14604

CDD: 813

CDU: 821.111(73)-3

[2014]

Todos os direitos desta edição reservados à
EDITORA INTRÍNSECA LTDA.
Rua Marquês de São Vicente, 99, 3º andar
22451-041 — Gávea
Rio de Janeiro — RJ
Tel./Fax: (21) 3206-7400
www.intrinseca.com.br

*Dedicado a
James Oliver Rigney
(1920–1988)*

Ele me ensinou a sempre perseguir um sonho e, ao conquistá-lo, vivê-lo.

SUMÁRIO

PRÓLOGO: A Fortaleza da Luz 9

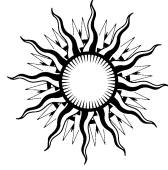
MAPA 16

- 1 À ESPERA 29
- 2 SAIDIN 40
- 3 NOTÍCIAS DA PLANÍCIE 52
- 4 SOMBRAS ADORMECIDAS 61
- 5 PESADELOS AMBULANTES 69
- 6 A CAÇADA COMEÇA 81
- 7 A DESCIDA DAS MONTANHAS 95
- 8 JAHRA 101
- 9 SONHOS DE LOBO 115
- 10 SEGREDOS 123
- 11 TARVALON 137
- 12 O TRONO DE AMYRLIN 148
- 13 PUNIÇÕES 154
- 14 OS ESPINHOS DA ROSA 165
- 15 O HOMEM CINZA 172
- 16 TRÊS CAÇADORAS 181
- 17 A IRMÃ VERMELHA 190
- 18 CURA 196
- 19 DESPERTAR 202
- 20 VISITAS 209
- 21 O MUNDO DOS SONHOS 221
- 22 O PREÇO DO ANEL 228
- 23 LIGADA 250
- 24 INVESTIGAÇÕES E DESCOBERTAS 258
- 25 PERGUNTAS 271
- 26 POR TRÁS DE UM CADEADO 281

27	<i>TEL'ARAN'RHIOD</i>	288
28	UMA SAÍDA	302
29	UMA ARMADILHA PARA ACIONAR	309
30	O PRIMEIRO LANCE	318
31	A MULHER DE TANCHICO	328
32	O PRIMEIRO NAVIO	335
33	DENTRO DA TRAMA	349
34	UMA DANÇA DIFERENTE	360
35	O FALCÃO	370
36	FILHA DA NOITE	379
37	FOGO EM CAIRHIEN	391
38	DONZELAS DA LANÇA	401
39	FIOS DO PADRÃO	411
40	UM HERÓI NA NOITE	430
41	JURAMENTO DE CAÇADOR	445
42	ACALMANDO O TEXUGO	453
43	IRMÃOS-DAS-SOMBRAS	467
44	CAÇADOS	475
45	CAEMLYN	488
46	UMA MENSAGEM DAS SOMBRAS	498
47	CORRENDO CONTRA A SOMBRA	508
48	SEGUINDO O OFÍCIO	516
49	TEMPESTADE EM TEAR	531
50	O MARTELO	551
51	UMA ISCA PARA A REDE	567
52	EM BUSCA DE UM REMÉDIO	576
53	UM FLUXO DE ESPÍRITO	583
54	DENTRO DA PEDRA	591
55	O QUE ESTÁ ESCRITO NA PROFECIA	609
56	O POVO DO DRAGÃO	628

GLOSSÁRIO	637
-----------	-----

PRÓLOGO



A FORTALEZA DA LUZ

Os velhos olhos de Pedron Niall examinaram sua sala de audiências particular, mas aqueles olhos escuros, enevoados por pensamentos, não viram coisa alguma. Tapeçarias esfarrapadas, antigos estandartes de batalhas dos inimigos de sua juventude, se fundiam aos painéis de madeira escura assentados às paredes de pedra, que, mesmo ali, no coração da Fortaleza da Luz, eram robustas. A única cadeira do recinto, pesada, de espaldar alto, quase um trono, estava invisível a seus olhos, assim como as poucas mesas espalhadas que completavam o mobiliário. Até o homem de manto branco, com sua avidez mal contida, ajoelhado sobre o sol desenhado nas amplas tábuas no chão, escapou por um instante aos pensamentos de Niall, embora poucos fossem tão rápidos em deixar de lado as notícias que ele trazia.

Jaret Byar teve tempo de se lavar antes de ser levado até Niall, mas tanto o elmo como a armadura estavam sem brilho por causa da viagem e maltratados pelo uso. Olhos escuros e profundos brilhavam com uma luz febril e premente, que parecia ter consumido todo e qualquer pedaço de carne. Ele não portava espada, uma vez que armas não eram permitidas na presença de Niall, mas parecia prestes a cometer uma violência, como um cão esperando ser solto da coleira.

Duas fogueiras em lareiras compridas, nas duas extremidades do aposento, afastavam o frio do fim do inverno. Era uma sala simples e de um estilo militar, na verdade, tudo bem-feito, mas nada extravagante, exceto pelo sol desenhado no chão. A mobília da sala de audiências do Senhor Capitão Comandante dos Filhos da Luz era escolhida pelo homem que assumia o cargo. O sol dourado no

piso ficara gasto após gerações de suplicantes, então fora pintado novamente e se gastara mais uma vez. Nele havia ouro suficiente para comprar qualquer estado de Amadícia, junto com o título de nobreza que o acompanhava. Niall passou dez anos caminhando naquele ouro, mas jamais pensou nele duas vezes, não mais do que pensou no sol radiante que adornava seu peitoral por cima da túnica branca. Pedron Niall não se interessava por ouro.

Enfim, ele voltou os olhos para a mesa a seu lado, repleta de mapas, cartas e relatórios espalhados. Três desenhos frouxamente enrolados jaziam entre a desordem. Pegou um, relutante. Não importava qual: todos retratavam a mesma cena, embora por mãos diferentes.

A pele de Niall era fina como pergaminho gasto, contraída e retesada pela idade sobre um corpo que parecia todo feito de ossos e nervos, mas nada havia de frágil nele. Nenhum homem havia ocupado aquela posição antes de ter os cabelos brancos, muito menos um homem mais fraco que as pedras do Domo da Verdade. Ainda assim, ele de súbito se deu conta da velhice da mão que segurava o desenho, e percebeu que precisava ser rápido. O tempo estava se esgotando. *Seu* tempo estava se esgotando. Tinha que ser suficiente. Ele teria que fazer o pouco que lhe restava ser suficiente.

Obrigou-se a desenrolar o pergaminho grosso pela metade, o suficiente para ver o rosto que despertara seu interesse. Os rabiscos de carvão estavam um pouco borrados por conta da viagem nos alforjes, mas o rosto estava nítido. Um jovem de olhos cinza e cabelos ruivos. Parecia alto, mas era difícil ter certeza. À exceção dos cabelos e olhos, o rapaz poderia fixar-se em qualquer cidade sem causar grande alvoroço.

— Este... *garoto* se proclama o Dragão Renascido? — murmurou Niall.

O Dragão. O nome o fez sentir o frio do inverno e da idade. O nome que Lews Therin Telamon usava quando condenou cada homem capaz de canalizar o Poder Único, naquela hora e para sempre, à insanidade e à morte, ele mesmo inclusive. Fazia mais de três mil anos que o orgulho das Aes Sedai e a Guerra da Sombra tinham posto um fim à Era das Lendas. Três mil anos, mas a profecia e a lenda avivavam a lembrança dos homens, traziam ao menos a essência daquela memória, embora os detalhes escapassem. Lews Therin Telamon, o Fratricida. O homem que iniciara a Ruptura do Mundo, quando loucos capazes de liberar o poder que regia o universo derrubaram montanhas e afundaram terras antigas sob os oceanos, quando toda a terra se alterou e todos os que sobreviveram fugiram como bestas diante de fogo. Não terminou até que o último homem Aes Sedai tombasse morto, e uma raça humana dispersa começasse a tentar recons-

truir tudo a partir dos escombros, pelo menos onde havia vestígios de escombros. O acontecimento foi marcado na memória pelas histórias que as mães contavam aos filhos. E, segundo as profecias, o Dragão iria renascer.

Niall não tinha intenção de que o tom fosse interrogativo, mas Byar entendeu assim.

— Sim, meu Senhor Capitão Comandante, é isso mesmo. A loucura do rapaz é pior do que a de qualquer falso Dragão de que já ouvi falar. Milhares já se declararam a favor dele. Tarabon e Arad Doman estão em guerra civil, além de estarem em guerra entre si. As lutas se estendem por toda a Planície de Almoth e a Ponta de Toman, tarabonianos contra domaneses contra Amigos das Trevas, clamando pelo Dragão, pelo menos até o inverno chegar e resfriar quase tudo. Nunca vi algo se alastrar tão depressa, meu Senhor Capitão Comandante. Foi como lançar um archote sobre um monte de feno. A neve talvez os tenha enfraquecido, mas com a primavera as chamas explodirão ainda mais fortes do que antes.

Niall o interrompeu com o dedo em riste. Já era a segunda vez que o deixava contar aquela história, a voz queimando cheia de raiva e ódio. Algumas partes Niall ficara sabendo por outras fontes, e alguns pontos conhecia mais do que Byar, mas a cada vez que escutava, irritava-se outra vez.

— Geofram Bornhald e mil Filhos mortos. Obra das Aes Sedai. Você tem certeza, Filho Byar?

— Certeza absoluta, meu Senhor Capitão Comandante. Depois de um conflito no caminho para Falme, vi duas das bruxas de Tar Valon. Nos custaram mais de cinquenta homens antes que cravássemos nossas flechas nelas.

— Você tem certeza... tem *certeza* de que eram Aes Sedai?

— O chão explodiu sob nossos pés. — A voz de Byar era firme e confiante. Jaret Byar tinha pouca imaginação. A morte era parte da vida de um soldado, independentemente de como ela viesse. — Surgiram raios do céu azul que atingiram nosso grupo. Meu Senhor Capitão Comandante, o que mais poderiam ser?

Niall assentiu com uma careta de desgosto. Não havia homens Aes Sedai desde a Ruptura do Mundo, mas as mulheres que ainda reivindicavam o título eram ruins o bastante. Elas tagarelavam sobre seus Três Juramentos: não pronunciar palavras que não fossem verdadeiras, não fabricar armas para um homem matar outro, usar o Poder Único como arma apenas contra Amigos das Trevas e criaturas da Sombra. No entanto, haviam finalmente revelado que esses juramentos eram mentiras. Ele sempre soubera que ninguém poderia querer o poder que elas tinham para outra coisa que não desafiar o Criador, o que significava servir ao Tenebroso.

— E você não sabe nada a respeito dos invasores de Falme, que mataram metade de uma das minhas legiões?

— O Senhor Capitão Bornhald disse que eles se autodenominam Seanchan, Senhor Capitão Comandante — afirmou Byar, impassível. — Disse que eram Amigos das Trevas. E a investida dele dominou as forças inimigas, ainda que tenha lhe custado a vida. — Sua voz ganhou intensidade. — Há muitos refugiados de lá. Todos com quem falei concordaram que os forasteiros foram derrotados e fugiram. Foi o Senhor Capitão Bornhald quem os venceu.

Niall deu um leve suspiro. Eram quase as mesmas palavras que Byar havia usado nas duas primeiras vezes que falara a respeito do exército que supostamente surgira do nada para invadir Falme. *Um bom soldado*, pensou Niall, *como Geofram Bornhald sempre disse, mas não um homem capaz de pensar*.

— Meu Senhor Capitão Comandante — começou Byar, de repente —, o Senhor Capitão Bornhald *ordenou* que eu ficasse longe da batalha. Eu estava ali para observar os acontecimentos e relatá-los ao senhor. E também para contar ao filho dele, Lorde Dain, como ele morreu.

— Sim, sim — disse Niall, com impaciência. Estudou o rosto encovado de Byar por um instante, para depois acrescentar: — Ninguém duvida de sua coragem e honestidade. É exatamente o tipo de coisa que Geofram Bornhald faria, lançar-se em uma batalha mesmo temendo que todos os seus homens morressem. — *E não o tipo de coisa que sua imaginação lhe permitiria pensar*.

Não havia mais o que descobrir com aquele homem.

— Você agiu bem, Filho Byar. Tem minha permissão para levar a notícia da morte de Geofram Bornhald a seu filho. Dain Bornhald está com Eamon Valda perto de Tar Valon, segundo o último informe. Pode se juntar a eles.

— Obrigado, meu Senhor Capitão Comandante. Obrigado. — Byar se levantou e fez uma mesura enfática. Porém, hesitou ao endireitar o corpo. — Meu Senhor Capitão Comandante, nós *fomos* traídos. — O ódio o fez falar entre dentes.

— Por esse Amigo das Trevas que mencionou antes, Filho Byar? — Ele não conseguia esconder a rispidez da própria voz. Os planos feitos ao longo de um ano jaziam arruinados entre os corpos de mil Filhos, e Byar só queria falar sobre aquele homem. — O tal jovem ferreiro que você viu apenas duas vezes, o tal Perrin de Dois Rios?

— Sim, meu Senhor Capitão Comandante. Não sei como, mas sei que ele é o culpado. Eu sei.

— Verei o que pode ser feito a respeito, Filho Byar. — Byar abriu a boca mais uma vez, mas Niall levantou a mão, interrompendo-o. — Está dispensado.

O homem de rosto abatido não teve escolha a não ser fazer outra medida e sair.

Quando a porta se fechou atrás dele, Niall largou-se na cadeira de espaldar alto. O que haveria provocado o ódio de Byar pelo tal Perrin? Havia muitos Amigos das Trevas para alguém gastar tanta energia odiando um em particular. Amigos das Trevas demais, espalhados pelo mundo, escondidos por trás de palavras amáveis e sorrisos abertos, servindo ao Tenebroso. Ainda assim, um nome a mais na lista não faria mal algum.

Ele mudou de posição na cadeira dura, tentando dar algum conforto aos velhos ossos. Considerou vagamente, não pela primeira vez, que uma almofada talvez não fosse luxo demais. E não pela primeira vez, afastou o pensamento. O mundo despencava para o caos, e não havia tempo para se render à idade.

Deixou todos os sinais que prenunciavam o desastre correrem por sua mente. Tarabon e Arad Doman estavam em guerra, enquanto Cairhien passava por uma guerra civil, e um princípio de confronto ganhava contorno entre Tear e Illian, que já eram velhas inimigas. Talvez aquelas guerras não significassem nada sozinhas, pois os homens lutavam sempre, mas em geral ocorria uma de cada vez. E, além do falso Dragão em algum lugar da Planície de Almoth, outro assolava Saldaea, e um terceiro atingia Tear. Três de uma só vez. *Todos devem ser falsos Dragões. Têm que ser!*

Além disso, havia pequenas coisas, algumas talvez apenas rumores infundados, mas que, somadas ao resto... Aiel vistos bem a oeste, em Murandy e Kandor. Apenas dois ou três em cada lugar, mas, fossem um ou mil, era a primeira vez em todos os anos desde a Ruptura que os Aiel saíam do Deserto. Eles haviam posto os pés para fora daquele deserto ermo apenas durante a Guerra dos Aiel. Dizia-se que os Atha'an Miere, o Povo do Mar, andavam abrindo mão de negócios para ir em busca de sinais e presságios — quais exatamente, não diziam — e viajavam em navios com metade da tripulação ou mesmo sem ninguém. Illian convocara a Grande Caçada à Trombeta pela primeira vez em quase quatrocentos anos e enviara os Caçadores em busca da lendária Trombeta de Valere, que, segundo as profecias invocaria os heróis mortos de seus túmulos para lutar em Tarmon Gai'don, a Última Batalha contra a Sombra. Segundo rumores, os Ogier, sempre tão reclusos que a maioria do povo comum pensava que eram apenas uma lenda, haviam convocado reuniões entre cada um de seus pousos remotos.

E o mais impressionante de tudo, para Niall, era que as Aes Sedai pareciam ter revelado suas intenções. Diziam que elas haviam enviado algumas irmãs à Saldaea, para enfrentar o falso Dragão Mazrim Taim. Por mais raro que aquilo

fosse entre os homens, Taim era capaz de canalizar o Poder Único. O que era, por si só, algo a temer e desprezar. Mas poucos pensavam que um homem como aquele poderia ser derrotado sem a ajuda das Aes Sedai. Era melhor deixá-las ajudarem do que enfrentar os horrores inevitáveis quando ele enlouquecesse, como sempre acontecia. Porém, parecia que Tar Valon enviara outras Aes Sedai para apoiar o outro falso Dragão em Falme. Nada mais fazia sentido.

O padrão o arrepiou até os ossos. O caos se multiplicava, acontecimentos dos quais jamais se ouvira passavam a ocorrer repetidas vezes. O mundo inteiro parecia estar em um redemoinho, se remexendo, prestes a entrar em ebulição. Estava muito claro para ele. A Última Batalha se aproximava.

Todos os seus planos estavam destruídos, planos que garantiriam que seu nome fosse repetido entre os Filhos da Luz por uma centena de gerações. No entanto, inquietude era sinônimo de oportunidades, e ele tinha novos planos, com novos objetivos. Se fosse capaz de manter as forças e a determinação para levá-los até o fim. *Luz, deixe-me continuar vivo por tempo suficiente.*

Uma batida respeitosa na porta o tirou dos pensamentos sombrios.

— Entre! — ordenou, com rispidez.

Um servo de casaco e calças de tecido branco e dourado fez uma medida e entrou. Com os olhos baixos, anunciou que Jaichim Carridin, Ungido pela Luz, Inquisidor da Mão da Luz, viera a mando do Senhor Capitão Comandante. Carridin surgiu logo atrás do homem, sem esperar que Niall respondesse. O homem dispensou o servo com um gesto.

Antes que a porta se fechasse por completo, Carridin se abaixou, apoiando-se em um dos joelhos, e fez um floreio com o manto branco. Por trás do sol na frente do manto, jazia o cajado escarlate da Mão da Luz, símbolo do grupo que muitos chamavam de Questionadores, embora não diante de um deles.

— Como o senhor ordenou minha presença, meu Senhor Capitão Comandante — disse, com a voz grave —, retornei de Tarabon.

Niall o analisou por um instante. Carridin era alto, já estava na meia-idade e tinha cabelos levemente grisalhos, mas era forte e vigoroso. Os olhos escuros e profundos pareciam, como sempre, perspicazes. E não piscavam sob o exame silencioso do Senhor Capitão Comandante. Poucos homens tinham uma consciência tão tranquila ou tanta serenidade. Carridin permanecia ajoelhado, aguardando com calma, como se fosse parte do cotidiano receber uma ordem ríspida para deixar o comando e retornar a Amador sem demora, sem explicações. No entanto, também dizia-se que Jaichim Carridin podia ser mais impassível que uma pedra.

— Levante-se, Filho Carridin. — Enquanto o homem se erguia, Niall acrescentou: — Recebi notícias inquietantes de Falme.

Carridin ajustou as dobras do manto enquanto respondia. Sua voz beirava o limite do respeito apropriado, quase como se conversasse de igual para igual, não com o homem a quem havia jurado obediência até a morte.

— Meu Senhor Capitão Comandante se refere às notícias trazidas pelo Filho Jaret Byar, segundo no comando do Senhor Capitão Bornhald.

O canto do olho esquerdo de Niall tremulou, um prenúncio conhecido de fúria. Supostamente apenas três homens estavam cientes de que Byar estava em Amador, e ninguém além de Niall sabia de onde ele viera.

— Não seja tão astuto, Carridin — respondeu. — Seu desejo em saber tudo pode um dia levá-lo às mãos de seus próprios Questionadores.

Ao ouvir aquele nome, Carridin não esboçou reação além de um leve comprimir dos lábios.

— Meu Senhor Capitão Comandante, a Mão persegue a verdade em todos os lugares, para servir à Luz.

Para servir à Luz. Não para servir aos Filhos da Luz. Todos os Filhos serviam à Luz, mas Pedron Niall se perguntava com frequência se os Questionadores de fato se consideravam parte dos Filhos.

— E que verdade você traz para mim a respeito do que ocorreu em Falme? — perguntou Niall.

— Amigos das Trevas, Senhor Capitão Comandante.

— Amigos das Trevas? — A risada de Niall não esboçou qualquer alegria. — Há algumas semanas, recebi relatórios seus informando que Geofram Bornhald era um servo do Tenebroso por ter contrariado suas ordens e deslocado soldados para a Ponta de Toman. — A voz ganhou um tom brando perigoso. — Agora quer que eu acredite que Bornhald, um Amigo das Trevas, levou mil Filhos da Luz à morte em uma luta contra outros Amigos das Trevas?

— Se ele era ou não Amigo das Trevas, jamais saberemos — retrucou Carridin, impassível —, pois morreu antes de ser questionado a respeito. As tramas da Sombra são obscuras, e com frequência parecem insensatas aos que caminham na Luz. Mas que a invasão de Falme foi arquitetada por Amigos das Trevas, disso não tenho dúvidas. Amigos das Trevas e Aes Sedai, em prol de um falso Dragão. Foi o Poder Único que destruiu Bornhald e seus homens, estou certo disso, Senhor Capitão Comandante. Assim como foi o Poder Único que destruiu os exércitos que Tarabon e Arad Doman enviaram a Falme para combater os Amigos das Trevas.

— E quanto às histórias de que os invasores de Falme cruzaram o Oceano de Aryth?

Carridin negou com a cabeça.

— Meu Senhor Capitão Comandante, o povo vive inventando rumores. Alguns alegam que era o exército enviado por Artur Asa-de-gavião para cruzar o oceano, mil anos atrás, voltando para reivindicar a terra. Ora, alguns alegam terem visto Asa-de-gavião em pessoa, em Falme. E mais metade dos heróis lendários. O oeste está fervilhando, de Tarabon a Saldaea, e uma centena de rumores novos brotam todos os dias, cada um mais ultrajante que o outro. Esses tais Seanchan eram apenas mais uma escória de Amigos das Trevas reunidos para defender um falso Dragão, só que dessa vez com o apoio declarado das Aes Sedai.

— Que provas você tem disso? — Niall fez a voz soar como se duvidasse daquilo. — Tem algum prisioneiro?

— Não, Senhor Capitão Comandante. Como o Filho Byar sem dúvida lhe informou, Bornhald fez com que se dispersassem. E certamente ninguém que interrogamos admitiria ter lutado por um falso Dragão. Quanto às provas... eu as trago em duas partes. O Senhor Capitão Comandante me permite?

Niall gesticulou com impaciência.

— A primeira parte é negativa — prosseguiu Carridin. — Poucos navios tentaram cruzar o Oceano de Aryth, e a maioria jamais retornou. Os que tentaram voltaram antes que acabassem a água e a comida. Nem mesmo o Povo do Mar cruza Aryth, e eles navegam para qualquer terra onde haja negócios, mesmo que fiquem depois do Deserto Aiel. Meu Senhor Capitão Comandante, se há terras do outro lado do oceano, elas são muito distantes, e o oceano é muito vasto. Cruzá-lo com um exército seria tão impossível quanto voar.

— Talvez — respondeu Niall, devagar. — Faz sentido, sem dúvida. Qual é a segunda parte?

— Senhor Capitão Comandante, muitos dos que interrogamos mencionaram monstros lutando ao lado dos Amigos das Trevas e mantiveram a palavra até o fim do interrogatório. O que poderiam ser, além de Trollocs e outras criaturas da Sombra que conseguiram dar um jeito de escapar da Praga? — Carridin estendeu as mãos, como se aquilo fosse uma prova conclusiva. — A maioria das pessoas pensa que Trollocs não passam de mentiras e histórias de viajantes, e quase todo o restante acredita que foram todos mortos nas Guerras dos Trollocs. Caso vissem um Trolloc, como o descreveriam, se não como um “monstro”?

— Sim. Sim, talvez você esteja certo, Filho Carridin. Talvez, é o que eu digo. — Não daria a Carridin a satisfação de saber que concordava. *Deixe-o suar*

um pouco. — Mas e ele? — Niall apontou para os desenhos enrolados. Se bem conhecia Carridin, o Inquisidor tinha algumas cópias em seus próprios aposentos. — Ele é muito perigoso? É capaz de canalizar o Poder Único?

O Inquisidor apenas deu de ombros.

— Talvez seja, talvez não. Se quisessem, as Aes Sedai sem dúvida fariam o povo acreditar que até um gato é capaz de canalizar. Quanto a ser perigoso... qualquer falso Dragão é perigoso até ser abatido, e um com o apoio de Tar Valon é dez vezes mais. Porém é menos agora do que será daqui a meio ano, se não for controlado. Os prisioneiros que interroguei nunca o tinham visto, nem faziam ideia de onde está agora. Suas forças estão divididas. Duvido que haja mais de duzentos homens reunidos em um só lugar. Tanto tarabonianos quanto domaneses poderiam cuidar dele, se não estivessem tão ocupados lutando um contra o outro.

— Nem um falso Dragão é o bastante para fazê-los esquecer quatrocentos anos de disputa pela posse da Planície de Almoth — comentou Niall, secamente. — Como se algum deles tivesse força para manter o domínio sobre ela.

O rosto de Carridin não se alterou, e Niall se perguntou como ele conseguia permanecer tão calmo. *Essa calma não vai durar muito, Questionador.*

— Isso não tem importância, Senhor Capitão Comandante. O inverno mantém todos em seus acampamentos, exceto por alguns conflitos e ataques isolados. Quando o tempo esquentar o suficiente para as tropas se deslocarem... Bornhald levou apenas metade de sua legião à morte, na Ponta de Toman. Com a outra metade, caçarei este falso Dragão até a morte. Um cadáver não oferece perigo a ninguém.

— E se você enfrentar o mesmo que Bornhald parece ter enfrentado? Aes Sedai canalizando o Poder para matar?

— A bruxaria delas não as protege de flechadas, nem de uma facada na escuridão. Morrem tão rápido quanto qualquer um. — Carridin sorriu. — Eu prometo, terei sucesso antes do verão.

Niall assentiu. O homem estava confiante. Sem dúvidas pensava que as perguntas mais perigosas já teriam chegado, se estivessem a caminho. *Você deveria ter se lembrado, Carridin, de que fui considerado um excelente estrategista.*

— Por que — continuou o interrogatório, muito calmamente — você não levou suas próprias forças até Falme? Com os Amigos das Trevas na Ponta de Toman, invadindo o lugar com um exército, por que tentou deter Bornhald?

Carridin piscou, mas manteve a voz firme.

— No início eram apenas rumores, Senhor Capitão Comandante. Rumores tão bárbaros que ninguém podia acreditar. No momento em que descobri

a verdade, Bornhald já havia entrado em batalha. Estava morto, e as forças dos Amigos das Trevas, dispersas. Além do mais, eu estava incumbido de levar a Luz à Planície de Almoth. Não podia desobedecer às ordens por conta de alguns rumores.

— Incumbido? — perguntou Niall, a voz se erguendo enquanto ficava de pé. Carridin era uma cabeça mais alto que ele, mas o Inquisidor recuou um passo. — Incumbido? Você estava incumbido de tomar a Planície de Almoth! Uma porcaria que não pertence a ninguém, exceto por palavras e papéis, e sua única tarefa era tomá-la. A nação de Almoth teria revivido, governada pelos Filhos da Luz, sem precisar adular um rei idiota. Amadícia e Almoth, seria fácil agarrar Tarabon. Em cinco anos, teríamos tanta influência lá quanto temos aqui em Amadícia. E você estragou tudo!

Enfim o sorriso se foi.

— Senhor Capitão Comandante — protestou Carridin —, como eu poderia prever os acontecimentos? Mais um falso Dragão. Tarabon e Arad Doman finalmente entraram em guerra, após tanto tempo rosnando uma para a outra. E Aes Sedai revelaram suas verdadeiras faces depois de três mil anos de disfarces! Mesmo assim, entretanto, nem tudo está perdido. Posso encontrar e destruir esse falso Dragão antes que seus seguidores se reúnam. E, quando os tarabonianos e domaneses estiverem enfraquecidos, poderão ser expulsos da planície sem...

— Não! — gritou Niall. — Seus planos terminam por aqui, Carridin. Talvez eu deva entregá-lo a seus próprios Questionadores agora mesmo. O Grão-inquisidor não faria objeção. Está rangendo os dentes, doido para apontar um culpado por tudo o que aconteceu. Ele jamais entregaria um dos seus, mas duvido que protestaria se eu mencionasse seu nome. Alguns dias de interrogatório e você confessaria qualquer coisa. Chamaria a si mesmo de Amigos das Trevas, inclusive. Em uma semana, teria uma bela visão da sombra do machado do carrasco.

O suor brotava na testa de Carridin.

— Senhor Capitão Comandante... — Ele hesitou e engoliu em seco. — Senhor Capitão Comandante parece afirmar que há outra maneira. Basta dizer qual, e juro obedecê-lo.

Agora, pensou Niall. Jogue os dados agora. Uma comichão percorreu sua pele, como se ele estivesse em plena batalha e de súbito percebesse que cada homem a cem passos de distância era um inimigo. Capitães Comandantes não eram executados pelo machado do carrasco, no entanto mais de um morrera de forma inesperada, para então ser rapidamente pranteado e rapidamente substituído por homens de ideias menos controversas.

— Filho Carridin — começou, com a voz firme —, você deverá garantir que esse falso Dragão não morra. E, caso qualquer Aes Sedai se oponha a ele em vez de protegê-lo, pode lançar mão da velha “facada na escuridão”.

O Inquisidor ficou boquiaberto. Contudo, recuperou-se depressa, lançando a Niall um olhar especulativo.

— Matar Aes Sedai é um dever, mas... permitir que um falso Dragão saia por aí? Isso... isso seria... traição. E blasfêmia.

Niall respirou fundo. Podia sentir as facas invisíveis à espreita em meio às sombras. Mas era tarde demais para recuar.

— Não é traição fazer o que precisa ser feito. E mesmo a blasfêmia pode ser tolerada em prol de uma causa. — Essas duas frases, por si só, eram suficientes para matá-lo. — Você sabe como reunir seguidores, Carridin? Sabe qual é a maneira mais rápida? Não? Solte um leão, um leão raivoso, no meio da rua. Quando todos forem tomados pelo pânico, quando todos estiverem com as calças borradas, diga calmamente que você resolverá o problema. Depois mate o leão e ordene que pendurem a carcaça onde todos possam ver. Antes que tenham tempo de pensar, dê outra ordem, e ela será obedecida. Então, se continuar a dar ordens, eles continuarão a obedecê-las, pois você será o homem que salvou suas vidas, e quem melhor para liderá-los?

Carridin moveu a cabeça, confuso.

— O senhor planeja... tomar tudo, Senhor Capitão Comandante? Não só a Planície de Almoth, mas também Tarabon e Arad Doman?

— O que tenho em mente é problema meu. O seu é obedecer conforme o juramento que fez. Espero ter notícias de mensageiros em cavalos velozes partindo para as planícies hoje à noite. Estou certo de que você sabe como emitir as ordens de modo que ninguém suspeite do que não deve. Se tiver que destruir alguém, que sejam tarabonianos e domaneses. Não seria nada bom se eles matassem meu leão. Não, sob a Luz, devemos forçar a paz entre eles.

— Como meu Senhor Capitão Comandante ordenar — disse Carridin, com a voz suave. — Eu escuto e obedeco. — Suave demais.

Niall deu um sorriso frio.

— Caso seu juramento não tenha força o bastante, saiba de uma coisa. Se esse falso Dragão morrer antes que eu ordene, ou se for levado pelas bruxas de Tar Valon, você acordará uma bela manhã com uma adaga cravada no coração. E se qualquer... acidente... me acontecer, ou mesmo que eu morra de velhice, você não durará um mês.

— Senhor Capitão Comandante, eu jurei obedecer...

— Jurou, mesmo — interrompeu-o Niall. — Lembre-se disso. Agora vá!

— Como meu Senhor Capitão Comandante ordenar. — Dessa vez a voz de Carridin não mostrava tanta firmeza.

A porta se fechou atrás do Inquisidor. Niall esfregou as mãos. Sentia frio. Os dados estavam rolando, e não havia como dizer que face mostrariam ao parar. A Última Batalha decerto estava próxima. Não a lendária Tarmon Gai'don, com o Tenebroso se libertando para enfrentar o Dragão Renascido. Não, ele estava certo. Os Aes Sedai da Era das Lendas podem ter aberto um buraco na prisão do Tenebroso em Shayol Ghul, mas Lews Therin Fratricida e seus Cem Companheiros a selaram outra vez. O contra-ataque havia maculado a metade masculina da Fonte Verdadeira para sempre e os deixado todos loucos, e assim teve início a Ruptura. Mas um desses antigos Aes Sedai era capaz de fazer sozinho o que dez bruxas de Tar Valon dos dias atuais juntas jamais conseguiriam. Os selos que eles fizeram aguentariam.

Pedron Niall era um homem de lógica calculista, e havia chegado a uma conclusão sobre como seria Tarmon Gai'don. Hordas de Trollocs marchariam da Grande Praga em direção ao sul, como nas Guerras dos Trollocs dois mil anos antes, sob o comando de Myrddraal, os Meios-homens, e talvez até de novos Senhores do Medo humanos surgidos entre os Amigos das Trevas. A humanidade, dividida entre nações em guerra, não poderia oferecer resistência. Mas ele, Pedron Niall, uniria os homens sob o estandarte dos Filhos da Luz. Novas lendas surgiriam para contar como Pedron Niall lutara em Tarmon Gai'don e vencera.

— Primeiro — murmurou —, solte um leão raivoso no meio da rua.

— Um leão raivoso?

Niall deu meia-volta, e um homenzinho ossudo com um nariz enorme aquilino deslizou por detrás de um dos estandartes pendurados. Houve apenas o vaivém de um painel se fechando quando o estandarte caiu de volta na parede.

— Eu lhe mostrei essa passagem, Ordeith — rosnou Niall —, para que você entrasse quando eu o chamasse sem que metade da fortaleza tomasse conhecimento, e não para que escutasse minhas conversas particulares.

Ordeith fez uma reverência suave ao cruzar o aposento.

— Escutar, Grande Senhor? Eu jamais faria tal coisa. Cheguei neste instante e não pude deixar de ouvir suas palavras finais. Nada mais que isso. — O sujeito tinha um sorriso meio zombeteiro que Niall jamais vira deixar seu rosto, mesmo quando não havia razão para desconfiar de que alguém o estivesse observando.

Um mês antes, em pleno inverno, o homenzinho desengonçado chegara a Amadícia, em farrapos e quase congelado, e dera um jeito de levar na lábia todas

as camadas de sentinelas até chegar a Pedron Niall em pessoa. Parecia saber coisas sobre os eventos na Ponta de Toman que não constavam nos relatórios extensos, embora obscuros, de Carridin, e muito menos nas histórias de Byar ou em qualquer outro comunicado ou rumor que tivesse chegado a Niall. Seu nome era falso, naturalmente. Na língua antiga, Ordeith significava “amargura”. Contudo, quando Niall o questionou a respeito, o homem disse apenas: “Quem fomos está perdido aos homens, e a vida é amarga.” Mas o sujeito era sagaz. Fora ele quem havia ajudado Niall a perceber o padrão que emergia nos eventos.

Ordeith andou até a mesa e pegou um dos desenhos. Ao desenrolá-lo, revelou o rosto do jovem rapaz e abriu ainda mais o sorriso, quase fazendo uma careta.

Niall ainda estava irritado com o homem que entrara sem ser chamado.

— Você acha engraçado um falso Dragão, Ordeith, ou ele o assusta?

— Um falso Dragão? — perguntou Ordeith, baixinho. — Sim. Sim, é claro, deve ser. Quem mais poderia ser? — Ele soltou uma risada estridente que deu nos nervos de Niall. Às vezes, o homem pensava que Ordeith era no mínimo um pouco louco.

Mas, louco ou não, o sujeito é esperto.

— O que quer dizer, Ordeith? Parece que você o conhece.

Ordeith levou um susto, como se tivesse se esquecido da presença do Senhor Capitão Comandante.

— Que eu o conheço? Ah, sim, eu o conheço. Seu nome é Rand al'Thor. Ele é de Dois Rios, no interior de Andor, e é um Amigo das Trevas tão enterrado na Sombra que faria a alma do senhor se encolher de medo.

— Dois Rios — comentou Niall, pensativo. — Alguém mencionou outro Amigo das Trevas de lá, outro jovem. É estranho pensar que Amigos das Trevas venham de um lugar como aquele. Mas a verdade é que eles estão em toda parte.

— Outro, Grande Senhor? — perguntou Ordeith. — De Dois Rios? Seria Matrim Cauthon ou Perrin Aybara? A idade desses dois é próxima à dele, e a maldade não fica muito atrás.

— O nome mencionado foi Perrin — respondeu Niall, franzindo a testa. — Três deles, você disse? De Dois Rios sai apenas lã e tabaco. Duvido que haja lugar mais isolado do resto do mundo ainda habitado por homens.

— Em uma cidade, os Amigos das Trevas precisam esconder sua natureza. Afinal, têm que se relacionar com outras pessoas e estranhos que vêm de fora e partem para contar o que viram. No entanto, em aldeias tranquilas, afastadas do mundo, onde poucos forasteiros aparecem... que melhor lugar há para todos serem Amigos das Trevas?

— Como é que você sabe os nomes de três Amigos das Trevas, Ordeith? Três Amigos das Trevas vindos do fim do mundo. Você guarda muitos segredos, Amargura, e tira da manga mais surpresas que um menestrel.

— Como pode um homem contar *tudo* o que sabe, Grande Senhor? — retrucou o homenzinho, com delicadeza. — Até terem alguma utilidade, seriam apenas tagarelices. Eu lhe direi uma coisa, Grande Senhor. Esse Rand al'Thor, esse Dragão, tem raízes profundas em Dois Rios.

— Falso Dragão! — reforçou Niall, com rispidez, e o outro se curvou.

— É claro, Grande Senhor. Eu falei errado.

De repente, Niall percebeu que o desenho nas mãos de Ordeith estava amassado e rasgado. Mesmo ao manter o semblante tranquilo, exceto por um sorriso irônico, as mãos dele se contorciam convulsivamente enquanto seguravam o pergaminho.

— Pare com isso! — ordenou Niall. Ele tomou o desenho de Ordeith e o desamassou o quanto foi possível. — Eu não tenho imagens desse homem sobrando para permitir que uma delas seja destruída assim. — O desenho estava quase todo borrado, e um rasgo atravessara o peito do rapaz, mas, por milagre, o rosto estava intacto.

— Peço perdão, Grande Senhor. — Ordeith fez uma medida profunda, sem jamais abandonar o sorriso. — Eu odeio os Amigos das Trevas.

Niall examinou o rosto desenhado a carvão. *Rand al'Thor, de Dois Rios.*

— Talvez eu deva fazer planos para Dois Rios. Quando a neve derreter. Talvez.

— Como o Grande Senhor quiser — respondeu Ordeith em tom inexpressivo.

A careta no rosto de Carridin, que percorria os corredores da Fortaleza a passos largos, fez os outros homens o evitarem, embora poucos buscassem a companhia de Questionadores. Os servos, apressados em suas tarefas, tentavam desaparecer por entre as paredes de pedra, e até os homens que ostentavam insígnias douradas nos mantos brancos decidiam pegar outro corredor ao se deparar com ele.

Ele abriu a porta de seus aposentos com um tranco e a fechou com força atrás de si, sem sentir nada da satisfação habitual ao ver os finos carpetes de Tarabon e Tear em exuberantes tons de vermelho, dourado e azul, os espelhos chanfrados de Illian, a longa mesa folheada a ouro e repleta de entalhes intrincados que ficava no centro da sala. Um mestre artesão de Lugard havia trabalhado nela por quase um ano. Ele mal reparou na mesa.

— Sharbon! — Seu camareiro não apareceu. O homem devia estar aprontando os quartos. — Que a Luz o queime, Sharbon! Onde foi que você se meteu?

Ele viu um movimento pelo canto do olho e se virou, pronto para fazer Sharbon murchar com seus xingamentos. Os próprios xingamentos murcharam quando um Myrddraal deu outro passo em sua direção, com a graça sinuosa de uma serpente.

Tinha a forma de um homem, não maior que a maioria, mas a semelhança terminava ali. As roupas e o manto negros, que quase não se agitavam quando ele se mexia, faziam a pele branca como uma larva parecer ainda mais pálida. E ele não tinha olhos. Aquele olhar sem olhos encheu Carridin de medo, como já fizera com milhares de outros.

— O que... — Carridin parou para molhar os lábios e tentar ajustar o tom de voz. — O que você está fazendo aqui? — Ainda soava estridente.

Os lábios lívidos do Meio-homem se arreganharam em um sorriso.

— Posso caminhar por onde houver sombra. — Sua voz era como o farfalhar de uma cobra por cima de folhas mortas. — Gosto de observar todos que me servem.

— Eu sir...

Era inútil. Com dificuldade, Carridin desviou os olhos daquele rosto liso, pálido e desbotado e virou as costas. Um arrepio o percorreu por dar as costas a um Myrddraal. Ele via tudo com nitidez no espelho da parede à sua frente. Tudo, menos o Meio-homem. O Myrddraal era um borrão indistinto. Nada confortável de encarar, mas melhor que enfrentar aquele olhar. Carridin recorreu um pouco de força na voz.

— Eu sirvo ao...

Ele parou e de repente se deu conta de onde estava. No coração da Fortaleza da Luz. Bastaria um rumor de que sussurrara as palavras que estava prestes a proferir para entregá-lo à Mão da Luz. O Filho mais baixo na hierarquia o mataria ali mesmo se o ouvisse. Estava sozinho, exceto pelo Myrddraal e, talvez, Sharbon — *Onde está esse desgraçado?* Seria bom ter alguém com quem compartilhar o olhar do Meio-homem, mesmo que precisasse se livrar dele em seguida —, mas ainda assim baixou a voz e disse:

— Eu sirvo ao Grande Senhor das Trevas, assim como o senhor. Ambos servimos.

— Se deseja ver dessa forma. — O Myrddraal riu, um som que fez Carridin estremecer até os ossos. — Ainda assim, quero saber por que está aqui e não na Planície de Almoth.

— Eu... vim até aqui por ordem do Senhor Capitão Comandante.

O Myrddraal se irritou.

— As palavras do seu Senhor Capitão Comandante são esterco! A ordem foi encontrar e matar o humano chamado Rand al'Thor. Isso antes de qualquer coisa. Antes de qualquer coisa! Por que não está obedecendo?

Carridin respirou fundo. Aquele olhar em suas costas era como o fio de uma faca raspando sua coluna.

— As coisas... mudaram. Algumas questões já não estão tanto sob meu controle quanto antes.

Um arranhão forte e áspero o fez virar a cabeça em um impulso.

O Myrddraal arrastava uma das mãos pela superfície da mesa, arrancando lascas finas de madeira.

— Nada mudou, humano. Você renunciou a seus juramentos à Luz e fez novos, e é a *esses* que deve obedecer.

Carridin assustou-se com os cinzéis que arruinavam a madeira polida e engoliu em seco.

— Não compreendo. Por que de repente é tão importante matar esse homem? Pensei que o Grande Senhor das Trevas pretendesse usá-lo.

— Está me questionando? Eu deveria arrancar sua língua. Seu papel não é questionar. Nem entender. Seu papel é obedecer! Sua obediência deverá servir de exemplo aos cães. Está *entendendo*? Ajoelhe-se, cão, e obedeça a seu mestre.

A raiva subiu rastejando por cima do medo, e Carridin tateou o lado do corpo com a mão, mas sua espada não estava lá. Estava no quarto ao lado, onde a deixara antes de atender ao chamado de Pedron Niall.

O Myrddraal foi mais rápido que uma víbora dando o bote. Carridin abriu a boca para gritar assim que a mão esmagou seu pulso. Os ossos quase se partiram, enviando ondas de dor pelo braço inteiro. No entanto, o grito jamais saiu de sua boca, pois o Meio-homem agarrou seu queixo com a outra mão e fechou sua mandíbula à força. Seus calcanhares se elevaram, depois os dedos dos pés deixaram o chão. Grunhindo e gorgolejando, ele balançava, suspenso pelo punho do Myrddraal.

— Ouça bem, humano. Você encontrará esse jovem e o matará o mais rápido possível. Não pense que pode me enganar. Há outros *Filhos* que me contarão se você se desviar de seu propósito. Mas lhe darei um incentivo. Se Rand al'Thor não estiver morto dentro de um mês, levarei alguém do seu sangue. Um filho, uma filha, uma irmã, um tio. Você só saberá quem quando o escolhido gritar até a morte. Se ele viver por mais um mês depois disso, levarei mais um. E então

outro, e outro. E, quando não houver mais ninguém de seu sangue, se ele ainda estiver vivo, levarei você a Shayol Ghul. — Ele sorriu. — Passará anos à beira da morte, humano. Está me entendendo agora?

Carridin emitiu um som que era metade gemido, metade lamúria. Pensou que fosse quebrar o pescoço.

Com um rosnado, o Myrddraal o arremessou do outro lado do aposento. Carridin bateu na parede e deslizou até o tapete, atordoado. Com a cara no chão, lutou para respirar.

— Está me entendendo, humano?

— Eu... eu ouço e obedeço — conseguiu dizer Carridin, com a cara enfiada no tapete. Não houve resposta.

Ele virou a cabeça, encolhendo-se pela dor no pescoço. Não havia mais ninguém no recinto. Meios-homens cavalgavam as sombras como cavalos, diziam as lendas, e desapareciam quando se viravam de lado. Nenhuma parede era capaz de detê-los. Carridin quis chorar. Levantou-se, maldizendo a fígada de dor no pulso.

A porta se abriu, e Sharbon adentrou depressa, um homem roliço com um cesto nos braços. Ele parou e encarou Carridin.

— Mestre, o senhor está bem? Perdoe-me por não estar aqui, mestre, mas fui comprar frutas para seu...

Com a mão boa, Carridin acertou o cesto que Sharbon segurava, fazendo as maçãs de inverno mirradas rolarem pelo tapete, e deu um tapa no rosto do homem.

— Perdoe-me, mestre — sussurrou Sharbon.

— Traga papel, caneta e tinta — rosnou Carridin. — Ande logo, seu idiota! Preciso enviar algumas ordens. — *Mas quais? Quais?* Enquanto Sharbon corria para obedecê-lo, Carridin encarou as marcas no tampo da mesa e estremeceu.



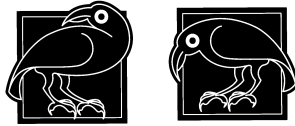




E muitos serão seus caminhos, e muitos saberão seu nome, pois muitas vezes ele renascerá entre nós, sob diversas formas, como foi e sempre será, tempo sem fim. Sua vinda será como a ponta afiada do arado, revirando e sulcando nossas vidas a começar do ponto onde jazemos em silêncio. O destruidor de elos, o forjador de correntes. O fazedor de futuros, o desmoldador do destino.

(De *Comentários sobre as Profecias do Dragão*, Jurith Dorine, braço direito da Rainha de Almoren, 742 DR, a Terceira Era)

CAPÍTULO 1



À ESPERA

A Roda do Tempo gira, e as Eras vêm e vão, deixando memórias que se transformam em lendas. As lendas desvanecem em mitos, e até o mito já está há muito esquecido quando a Era que lhes deu origem retorna. Em uma Era, chamada por alguns de a Terceira Era, uma Era ainda por vir, uma Era há muito passada, um vento se ergueu nas Montanhas da Névoa. O vento não era o início. O girar da Roda do Tempo não tem inícios nem fins. Mas era *um* início.

O vento varria extensos vales, vales sombrios onde a bruma da manhã pairava, suspensa no ar, uns repletos de árvores perenes, outros nus, onde capim e flores silvestres em breve brotariam. Silvava por ruínas semienterradas e monumentos destruídos, todos tão esquecidos quanto aqueles que os haviam erguido. Gemia nas passagens, fissuras abertas pelo tempo entre picos cobertos de neve que jamais derretia. Nuvens espessas agarravam-se ao cume das montanhas, fazendo a neve e o nevoeiro branco se tornarem um.

Nas planícies, o inverno estava terminando ou prestes a terminar, embora ali nas alturas ainda resistisse, forrando as encostas com largos retalhos brancos. Apenas as árvores perenes mantinham as folhas, todas as outras permaneciam nuas, marrons e cinzentas, junto ao solo pedregoso ainda congelado. Não havia som além das rajadas cortantes de vento sobre a neve e as pedras. A terra parecia à espera. À espera de uma explosão.

Sentado em seu cavalo, bem no meio de uma mata de pinheiros e folhas-de-couro, Perrin Aybara tremia e apertava o manto forrado de pele ainda mais no corpo, o máximo que podia com um arco longo em uma das mãos e um enorme machado em forma de meia-lua no cinto. Era um bom machado de aço frio.

Fora Perrin quem bombeara o fole no dia em que mestre Luhhan o fabricara. O vento balançava o manto, puxando o capuz para trás dos cachos desgrenhados, penetrando pelo casaco. Perrin agitava os dedos dos pés dentro das botas para se aquecer e se remexia sobre a sela de cepilho alto, mas de fato não prestava atenção ao frio. Observando os cinco companheiros, ele se perguntou se também sentiam aquilo. Não a espera por que haviam sido enviados até lá, mas algo mais.

Galope, seu cavalo, se mexia e sacudia a cabeça. Ele nomeara o garanhão castanho por conta das pernas ágeis, mas no momento Galope parecia sentir a irritação e impaciência do cavaleiro. *Estou cansado de toda essa espera, de ficar aqui sentado enquanto Moiraine nos mantém sob rédeas curtas. Que a Luz queime aquela Aes Sedai! Quando isso vai terminar?*

Sem pensar, farejou o vento. O cheiro de cavalo predominava no ar, junto com o de homens e de suor masculino. Um coelho passara por aquelas árvores não fazia muito tempo, correndo, impulsionado pelo medo, mas a raposa em seu encalço não o matara ali. Ele percebeu o que estava fazendo e parou. *Achei que meu nariz ficaria entupido com todo esse vento. Quase desejei que de fato estivesse. E eu não deixaria Moiraine fazer nada a respeito.*

Estava desconfiado de algo. Recusava-se a pensar no assunto. Não mencionou a sensação aos companheiros.

Os outros cinco homens permaneciam sentados em suas selas, arcos curtos a postos, os olhos esquadrinhando tanto o céu quanto as encostas com árvores escassas abaixo. Pareciam imperturbáveis pelo vento que agitava os mantos como estandartes. O cabo de uma espada de duas mãos aparecia por uma abertura no manto sobre o ombro de cada um dos homens. A visão das cabeças desnudas, completamente raspadas, a não ser pelos rabos de cavalo, fez Perrin sentir ainda mais frio. Para eles, aquele tempo já era plena primavera. Tiveram toda a brandura removida a marteladas, em uma forja mais dura que ele jamais vira. Eram shienaranos, vindos das Terras da Fronteira com a Grande Praga, onde ataques de Trollocs poderiam ocorrer bem no meio da noite, onde até um mercador ou fazendeiro poderia ter que pegar em arcos ou espadas. E aqueles homens não eram fazendeiros, mas soldados, quase desde o nascimento.

Às vezes, ele refletia sobre a forma como aqueles homens respondiam a ele e seguiam sua liderança. Era como se o considerassem detentor de algum direito especial, algum conhecimento inacessível a eles. *Ou talvez apenas sejam meus amigos*, pensou, com sarcasmo. Não eram altos como ele, nem tão grandes, pois os anos como aprendiz de ferreiro lhe renderam braços e ombros

com o dobro do tamanho da maioria, mas Perrin passara a se barbear todos os dias para acabar com as piadas acerca de sua pouca idade. Eram amistosas, mas ainda assim eram piadas. Não queria que comesçassem outra vez apenas por ele mencionar uma desconfiança.

Com um susto, Perrin lembrou-se de que também deveria estar atento. Conferindo a flecha encaixada no arco longo, observou o vale que corria pelo oeste e se estendia a distância, o chão entremeado com faixas amplas de neve, resquícios da estação fria. A maioria das árvores dispersas lá embaixo ainda tentavam agarrar o céu com os galhos rígidos do inverno, mas havia bastante árvores perenes, pinheiros, folhas-de-couro, abetos, azevinhos e até um pouco de madeira-verde nas encostas do vale e na parte baixa para dar cobertura a qualquer um que soubesse tirar proveito delas. Porém, ninguém iria até ali sem um propósito específico. As minas eram todas muito distantes ao sul, e mais distantes ainda ao norte. A maioria das pessoas acreditava que as Montanhas da Névoa traziam mau agouro, e poucos adentravam-nas se pudessem evitar. Os olhos de Perrin brilhavam como ouro polido.

A desconfiança cresceu dentro dele. *Não!*

Ele era capaz de deixá-la de lado, mas a sensação não o abandonava. Como se cambaleasse à beira de um precipício. Como se tudo o mais cambaleasse. Ele se perguntou se haveria algo desagradável nas montanhas ao redor. Talvez houvesse uma forma de saber. Em lugares como aquele, onde os homens raramente pisavam, quase sempre havia lobos. Ele parou antes que o pensamento se formasse por completo em sua mente. *É melhor continuar imaginando. Melhor do que isso.* Eles não eram muitos em número, mas tinham batedores. Se houvesse algo por perto, os outros encontrariam. *Esta é a minha forja. Cuidarei dela e deixarei que cuidem das deles.*

Ele enxergava mais longe que os outros, por isso foi o primeiro a avistar o cavaleiro que vinha da direção de Tarabon. Mesmo a seus olhos, a criatura a cavalo era somente um pontinho de cores brilhantes, percorrendo um caminho sinuoso em meio as árvores a distância, ora à vista, ora escondido. *O cavalo é malhado,* pensou. *E já não era sem tempo!* Abriu a boca para anunciar a aproximação: era uma mulher, como todos os outros cavaleiros haviam sido. Então Mase-ma resmungou de súbito, como um xingamento:

— Corvo!

Perrin olhou rapidamente para cima. Um pássaro grande e negro sobrevoava as árvores, a menos de cem passos de distância. Sua presa devia ser alguma carniça abatida na neve ou um animal menor, mas Perrin não quis correr o

risco. O pássaro não pareceu tê-los visto, mas o cavaleiro que se aproximava logo estaria ao alcance de seus olhos. Assim que avistou o corvo, elevou o arco, ergueu a flecha, puxando-a até o rosto, a bochecha, a orelha. Então a soltou, em movimentos suaves. Tinha leve consciência do som das cordas dos arcos atrás de si, mas sua atenção estava voltada para o pássaro negro.

De súbito, o corvo rodopiou ao encontrar a flecha de Perrin, e uma chuva de penas negras rolou do céu, enquanto duas outras flechas passavam como raios pelo ponto onde ele estivera. Com os arcos meio erguidos, os outros shienaranos varriam o céu, tentando ver se o animal estava acompanhado.

— Os corvos precisam reportar o que viram — perguntou-se Perrin, baixinho — ou... *ele*... vê o que eles veem? — Não tinha intenção de que alguém o escutasse, mas Ragan, o shienarano mais jovem, menos de dez anos mais velho que ele, respondeu, encaixando outro arco na flecha curta.

— Precisam reportar. Geralmente a um Meio-homem. — Nas Terras da Fronteira, dava-se uma recompensa pelos corvos. Ninguém por lá jamais ousou presumir que qualquer um deles fosse apenas um pássaro. — Luz, se o Veneno dos Corações visse o que os corvos veem, estaríamos todos mortos antes de chegarmos às montanhas. — A voz de Ragan era calma. Aquele era um assunto corriqueiro para um soldado shienarano.

Perrin estremeceu, mas não de frio, e algo rosnou nas profundezas de sua mente, um desafio até a morte. Veneno dos Corações. Nomes diferentes em terras diferentes, como Veneno das Almas e Presa-do-coração, Senhor do Túmulo e Senhor do Crepúsculo, mas era chamado de Pai das Mentiras e Tenebroso em todas elas, tudo para evitar pronunciar o nome verdadeiro e atrair sua atenção. O Tenebroso costumava usar corvos e gralhas-pretas. Nas cidades, usava ratos. Perrin tirou outra flecha da aljava em seu quadril, pendurada para equilibrar o peso do machado do outro lado.

— Isso deve ter o tamanho de um porrete — disse Ragan, admirado, olhando o arco de Perrin —, mas atira bem. Não quero nem ver o que faria a um homem de armadura. — Os shienaranos estavam usando apenas uma malha leve sob os casacos simples, mas em geral lutavam de armadura, tanto homens quanto cavalos.

— Muito comprido para usar cavalgando — comentou Masema, com uma expressão debochada. A cicatriz triangular em seu rosto escuro tornava o sorriso de desprezo ainda mais contorcido. — Uma boa placa peitoral detém até uma pilha de flechas, a não ser a curta distância. Além disso, se o primeiro lançamento falhar, você pode acabar sendo estripado pelo sujeito em quem tentou atirar.

— É justamente isso, Masema. — Ragan relaxou um pouco quando notou que o céu continuava vazio. O corvo devia estar sozinho. — Com esse arco de Dois Rios, aposto que não é preciso ficar tão perto.

Masema abriu a boca.

— Mas que droga! Parem de falatório, suas duas lavadeiras! — ralhou Uno. Com uma grande cicatriz na parte inferior da face esquerda e aquele olho faltando, ele tinha as feições duras mesmo para um shienarano. Adquirira um tapa-olho pintado no caminho para as montanhas, durante o outono. O olho carrancudo estampado em vermelho vivo não tornava mais fácil encará-lo. — Se vocês dois chamejados não conseguem prestar atenção no que devem fazer, vou ver se um turno de guarda extra hoje à noite dá uma acalmada nos dois. — Ragan e Masema encolheram-se sob o olhar do homem, que lhes lançou uma última careta de censura e virou-se para Perrin, com uma expressão mais suave. — Já está vendo alguma coisa? — Seu tom era um pouco mais áspero do que talvez usasse com um comandante acima dele por ordem do Rei de Shienar ou do Senhor de Fal Dara, mas ainda assim havia algo nele que indicava que estava pronto para fazer o que Perrin sugerisse.

Os shienaranos sabiam que ele podia enxergar muito longe, mas, assim como faziam com a cor de seus olhos, pareciam encarar aquilo com naturalidade. Não sabiam de nada, nem da metade, mas o aceitavam como era. Como pensavam que era. Pareciam aceitar tudo e todos. O mundo estava mudando, diziam. Tudo girava nas rodas da sorte e da transformação. Se um homem tinha os olhos de uma cor jamais vista pelos olhos dos outros homens, que lhes importava naquele momento?

— Ela está vindo — disse Perrin. — Vai aparecer agora. Ali. — Ele apontou, e Uno esticou-se para a frente, o olho verdadeiro semicerrado, até que finalmente assentiu, hesitante.

— Há algum troço se mexendo lá embaixo.

Alguns dos outros assentiram e murmuraram também. Uno cravou o olhar neles, que voltaram a examinar o céu e as montanhas.

De súbito, Perrin percebeu o que significavam as cores brilhantes nas roupas da cavaleira a distância. Uma saia de um verde vivo aparecia por detrás de um manto vermelho.

— Ela é do Povo Errante — disse, atônito. Não sabia de ninguém mais que se vestia com cores tão brilhantes e combinações tão estranhas, não por escolha própria.

As mulheres que eles haviam encontrado e guiado para o interior das montanhas diversas vezes eram de todos os tipos: uma pedinte maltrapilha enfrentan-

do uma nevasca a pé, uma mercadora que levava sozinha uma fileira de cavalos de carga carregados, uma lady vestida em seda e finas peles, montada em um palafrém com rédeas de borlas vermelhas e sela trabalhada em ouro. A pedinte partiu com uma bolsa cheia de prata, mais do que Perrin pensou que poderiam dar, mas a senhora lhes deixou uma bolsa de ouro ainda mais gorda. Mulheres completamente diferentes, todas sozinhas, vindas de Tarabon, Ghealdan e até de Amadícia. Mas ele jamais imaginara encontrar uma Tuatha'an.

— Uma chamejada de uma latoeira? — exclamou Uno.

Os outros ecoaram sua surpresa.

O rabo de cavalo de Ragan balançou, acompanhando a cabeça.

— Uma latoeira não se meteria com isso. Ou ela não é latoeira ou não é quem devemos encontrar.

— Latoeiros — grunhiu Masema. — Covardes inúteis.

Uno espremeu o único olho até parecer o furo de ponteira de uma bigorna. Ao lado do outro, o vermelho pintado no tapa-olho, compunha a expressão cruel.

— Covardes, Masema? — retrucou, muito calmo. — Se você fosse mulher, teria os colhões de cavalgar até aqui, sozinha e sem uma droga de uma arma? — Não restava dúvida de que ela estaria desarmada, se fosse Tuatha'an. Masema manteve a boca fechada, mas a cicatriz em seu rosto continuou retesada e pálida.

— Que me queime se eu fizesse isso — disse Ragan. — E que me queime se você fizesse uma coisa dessas também, Masema.

O outro shienarano ajeitou o manto e examinou o céu atentamente.

Uno bufou com desdém.

— Queira a Luz que aquele maldito comedor de carniça estivesse sozinho — murmurou.

Lentamente, a égua felpuda marrom e branca veio serpenteando mais para perto, abrindo caminho pelo chão aberto entre extensos montes de neve. A mulher de roupas alegres parou brevemente para observar algo no chão, depois ajeitou o capuz do manto na cabeça e afundou os calcanhares no cavalo, seguindo adiante a passos lentos. *O corvo*, pensou Perrin. *Pare de olhar o pássaro e ande logo, mulher. Talvez você traga as notícias que enfim vão nos tirar daqui. Isso se Moiraine tiver intenção de que partamos antes da primavera. Que a queime!* Por um instante ele não soube dizer se pensava na Aes Sedai ou na latoeira, que parecia não ter pressa alguma.

Se seguisse reto por onde ia, a mulher entraria no outro lado da moita, a uma distância de cerca de trinta passos. Com os olhos fixos no solo onde o cavalo malhado pisava, ela não dava sinal de vê-los por entre as árvores.

Perrin cutucou os flancos do cavalo com os calcanhares, e o garanhão deu um salto para a frente, espalhando neve com os cascos. Atrás dele, Uno deu o comando, baixinho:

— Adiante!

Galope estava na metade do caminho quando a mulher pareceu reparar neles e parou a égua com um tranco, assustada. Ela os observou formarem um círculo ao seu redor. O bordado azul de doer os olhos, em um ponto chamado labirinto taireno, tornava seu manto vermelho ainda mais espalhafatoso. A mulher não era jovem, os cabelos descobertos pelo capuz revelavam um tufo grisalho, mas seu rosto exibia poucas linhas além do franzido de desaprovação que lançou diante das armas do grupo. Se ficou alarmada por encontrar homens armados no coração de montanhas desoladas, no entanto, não deu sinal. Suas mãos repousavam tranquilas sobre o cepilho alto da sela gasta, mas bem conservada. E a mulher não cheirava a medo.

Pare com isso!, Perrin disse a si mesmo. Preparou um tom de voz suave, para não assustá-la.

— Meu nome é Perrin, boa senhora. Se precisar de ajuda, farei o que puder. Se não, vá com a Luz. Mas, a não ser que os Tuatha'an tenham alterado suas rotas, a senhora está longe dos carroções.

Ela os examinou por um instante antes de falar. Havia certa amabilidade em seus olhos escuros, o que não era de se surpreender em alguém do Povo Errante.

— Procuro uma... mulher.

A pausa foi pequena, mas aconteceu. Ela não buscava qualquer mulher, mas uma Aes Sedai.

— Essa mulher tem nome, boa senhora? — perguntou Perrin. Ele fizera a mesma pergunta muitas vezes nos últimos dois meses para que precisasse de resposta, mas era melhor ter certeza.

— O nome dela é... às vezes, o nome dela é Moiraine. Eu me chamo Leya. Perrin assentiu.

— Nós a levaremos até ela, Senhora Leya. Temos uma fogueira e, com sorte, algo quente para comer. — Porém, ele não ergueu as rédeas de imediato. — Como foi que nos encontrou? — Também fizera aquela pergunta antes, todas as vezes que Moiraine o mandara aguardar, em um local designado por ela, alguma mulher que sabia que chegaria. A resposta seria a mesma de sempre, mas ele precisava perguntar.

Leya deu de ombros e respondeu, hesitante.

— Eu... sabia que, se viesse para cá, alguém me encontraria e me levaria até ela. Eu... só... sabia. Trago notícias.

Perrin não perguntou que notícias eram. As mulheres revelavam a informação que traziam apenas para Moiraine.

E a Aes Sedai nos conta o que escolhe contar, pensou. Aes Sedai nunca mentiam, mas todos sabiam que a verdade que uma delas contava nem sempre era a verdade que você pensava ouvir. *Agora já é muito tarde para ter receio disso. Não é mesmo?*

— Por aqui, Senhora Leya — disse, apontando para o alto da montanha. Os shienaranos, com Uno na liderança, começaram a subir em fila indiana atrás de Perrin e Leya. O homens das Terras da Fronteira ainda analisavam o céu e a terra, e os dois últimos prestavam muita atenção à retaguarda.

Eles andaram por algum tempo em total silêncio, a não ser pelos sons dos cascos dos cavalos, que às vezes esmagavam pedaços de gelo, ou pisoteavam pedrinhas nos trechos de terra batida. De vez em quando, Leya lançava olhares a Perrin, seu arco, machado e rosto, mas nada dizia. Ele mudava de posição, constrangido com o exame minucioso, e evitava olhá-la. Sempre tentava fazer com que os estranhos não tivessem a menor chance de notar seus olhos.

— Fiquei surpreso em ver alguém do Povo Errante, presumindo que a senhora seja — disse, por fim.

— É possível opor-se ao mal sem praticar a violência. — A voz mostrava a simplicidade de alguém que anunciava uma verdade óbvia.

Perrin grunhiu com amargura e murmurou uma desculpa no mesmo instante.

— Deve ser isso mesmo, Senhora Leya.

— A violência fere tanto a vítima quanto quem a pratica — prosseguiu Leya, com a voz calma. — Por isso fugimos dos que nos fazem mal. Por nossa segurança, sim, mas também para protegê-los do mal que eles mesmos praticam. Se praticarmos a violência para nos opor ao mal, em breve não seremos diferentes daquilo que desejamos combater. É com a força de nossa crença que combatemos a Sombra.

Perrin não pôde evitar uma bufada de desdém.

— Senhora, espero que jamais tenha que enfrentar Trollocs com a força de sua crença. A força das espadas deles iria dilacerá-la bem aí, onde está.

— É melhor morrer do que... — começou ela, mas a raiva fez Perrin interrompê-la. Raiva de que ela de fato preferisse morrer a machucar alguém, mesmo que vil.

— Se a senhora correr, eles vão caçá-la, matá-la e comer seu cadáver. Ou talvez nem esperem *até* virar um cadáver. De todo modo, a senhora estará mor-

ta, e o mal terá vencido. E existem homens tão cruéis quanto Trollocs. Amigos das Trevas e outros. Mais do que eu acreditaria, alguns anos atrás. Deixe só os Mantos-brancos decidirem que vocês, latoeiros, não caminham na Luz e veja quantos a força da sua crença é capaz de salvar.

A mulher lançou a Perrin um olhar penetrante.

— E nem assim você está satisfeito com suas armas.

Como é que ela sabia disso? Ele sacudiu a cabeça, irritado, balançando os cabelos bagunçados.

— O Criador fez o mundo — resmungou —, e não eu. Tenho que viver da melhor forma possível no mundo, do jeito que ele é.

— Tão triste para alguém tão jovem — disse a mulher, com delicadeza. — Por que tanta tristeza?

— Eu deveria estar de vigia, não de conversa — respondeu Perrin, secamente. — A senhora não vai me agradecer se eu errar o caminho. — Fincou os calcanhares em Galope, que avançou o suficiente para cortar qualquer conversa que viesse a surgir, mas sentia o olhar da mulher. *Triste? Não estou triste, só... Luz, eu não sei. Tem que haver uma saída melhor, apenas isso.* A desconfiança brotou outra vez em seus pensamentos, mas, concentrado em ignorar o olhar de Leya atrás de si, ele também ignorou a sensação incômoda.

O grupo subiu a colina e desceu até um vale com uma floresta e um córrego largo cuja água fria batia nas patas dos cavalos. A distância, de um dos lados da montanha, erguiam-se duas formas esculpidas. Perrin imaginava que deviam ser as formas de um homem e de uma mulher, embora o vento e a chuva as tivessem deixado indecifráveis havia muito. Nem Moiraine tinha certeza do que eram ou de quando o granito fora esculpido.

Peixes-cobrelas e pequenas trutas disparavam em fuga dos cascos dos cavalos, lampejos prateados a saltitar na água límpida. Um cervo que pastava ergueu a cabeça, hesitou ao ver o grupo saindo do riacho e correu para o meio das árvores, e um grande gato-da-montanha, cinza com listras e pontos pretos, levantou-se do chão, frustrado por ter que dar fim à tocaia. O animal observou os cavalos por um instante e, com um movimento do rabo, sumiu atrás do cervo. No entanto, ainda se via pouca vida nas montanhas. Apenas um punhado de pássaros empoleirados em galhos ou bicando o chão onde a neve havia derretido. Outros voltariam a voar dentro de algumas semanas, mas ainda não. Eles não avistaram mais corvos.

Era fim de tarde quando Perrin os conduziu por entre duas montanhas muito íngremes, com picos cobertos de neve e envoltos em nuvens, e contor-

nou um riacho menor que corria sobre pedras cinza, formando uma série de cachoeiras diminutas. Um pássaro cantou no alto das árvores, e outro respondeu mais adiante.

Perrin sorriu. Canto de campainha-azul. Um pássaro das Terras da Fronteira. Ninguém trilhava aquele caminho sem ser visto. Ele esfregou o nariz, sem olhar para a árvore de onde o primeiro “pássaro” chamara.

O caminho se estreitava enquanto o grupo avançava em meio a folhas-de-couro raquíticas e alguns poucos carvalhos retorcidos. O terreno plano ao lado do córrego reduziu-se a ponto de só permitir a passagem de um homem a cavalo por vez, e o próprio córrego já comportava apenas a travessia de um homem alto.

Perrin ouviu Leya falando sozinha atrás de si. Quando olhou por cima do ombro, viu-a lançando olhares preocupados para as escarpas dos dois lados da montanha. Árvores esparsas elevavam-se perigosamente acima deles. Parecia impossível não caírem. Os shienaranos avançavam com facilidade, enfim começando a relaxar.

De súbito, uma depressão oval abriu-se entre as montanhas diante deles, com as laterais íngremes, mas não tanto quanto a passagem estreita. O córrego nascia de uma pequena fonte no lado oposto. O olhar aguçado de Perrin avistou um homem com um rabo de cavalo shienarano no alto dos galhos de um carvalho à esquerda. Se tivesse imitado o canto de uma gralha-de-asa-vermelha, em vez de um campainha-azul, não estaria sozinho, e a entrada do grupo não teria sido tão fácil. Alguns poucos homens poderiam proteger aquela passagem contra um exército. Se um exército viesse, alguns poucos teriam que ser suficientes.

Por entre as árvores que circundavam o vale espalhavam-se cabanas não visíveis à primeira vista, de forma que o grupo reunido em torno das fogueiras na base da depressão oval parecia estar desprotegido. Havia menos pessoas à vista do que cabanas. E outras poucas escondidas, Perrin sabia. A maioria virou-se ao ouvir o som de cavalos, e algumas acenaram. O vale cheirava a homens e cavalos, a comida cozida e madeira queimada. Um grande estandarte branco pendia frouxamente de um poste alto próximo a eles. Um vulto com no mínimo a metade da altura a mais que todos os outros, sentado em um tronco, lia, absorto, um livro que parecia pequeno nas mãos gigantescas. Ele não desviou a atenção da leitura, nem mesmo quando a única pessoa que não tinha um rabo de cavalo gritou.

— Você a encontrou, foi? Pensei que passaria a noite fora dessa vez. — Era uma voz feminina, mas a mulher usava calças e casaco masculinos e tinha o cabelo bem curto.

Uma rajada de vento remoinhou para dentro do vale, agitando mantos e balançando o estandarte. Por um instante, a criatura representada pareceu cavalgar o vento. Uma serpente de quatro patas com escamas douradas e escarlates, a juba dourada como a de um leão e cinco garras douradas nas pontas de cada uma das patas. Um estandarte lendário. Um estandarte que a maioria dos homens não reconheceria se visse, mas cujo nome era temido.

Perrin acenou com uma das mãos, conduzindo todos para o interior do vale.

— Bem-vinda ao acampamento do Dragão Renascido, Leya.

